

# Precursores do dístico vernáculo 12/10 na tradução de elegia latina em língua portuguesa

João Victor Leite Melo\*

## Introdução

Embora seja difícil discorrer sobre a origem do dístico vernáculo português 12/10 nas traduções metrificadas do dístico elegíaco latino, sem correremos o risco de ignorar, involuntariamente, algum autor pregresso que também tenha publicado versões poéticas nesse mesmo formato, de acordo com a história que os próprios tradutores contam em seus prefácios e textos críticos, podemos dizer que, na segunda metade do século XX, Francisco Rebelo Gonçalves (1907-1982) e Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919-1992) parecem ser os precursores mais imediatos de uma ideia que ganharia corpo e repercussão a partir da tradução integral d'O *Livro de Catulo*, realizada por João Angelo Oliva Neto, em 1996.

Em artigo recentemente publicado, antes de apresentar sua proposta de tradução poética<sup>1</sup> para a carta de Briseida a Aquiles das *Heroides* de Ovídio, ao abordar alguns modos através dos quais o dístico elegíaco latino já foi traduzido em língua portuguesa, Júlia Avellar (2021) resume bem como a prática do modelo 12/10 se difundiu, sobretudo no século XXI, entre tradutores de epigramas e elegias:

A transposição dos dísticos elegíacos para o português tem, em geral, seguido uma tendência de se traduzir o par latino hexâmetro-pentâmetro

---

\* UFES

<sup>1</sup> “Os dísticos elegíacos do latim foram vertidos para o português como um par de versos de 14 e 10 sílabas poéticas, e buscamos explorar a musicalidade na língua de chegada por meio do emprego de rimas em fim de verso” (AVELLAR, 2021, p. 297).

por versos dodecassílabos-decassílabos [...]. A adoção desse padrão pode ser observada, apenas para citar alguns exemplos, na tradução de poemas de Catulo por Oliva Neto (1996), nas traduções de Marcial por Fábio Cairolli (2014) e Alexandre Agnolon (2017), na tradução das elegias de Propércio por Guilherme Gontijo Flores (2014), na tradução das elegias de Tibulo por João Paulo Matedi Alves (2014), nos *Fastos*, de Ovídio, traduzidos por Márcio Meirelles Gouvêa Júnior (2015), nos *Amores*, de Ovídio, traduzidos por Guilherme Duque (2015) e também por Luiza dos Santos Souza (2016). (AVELLAR, 2021, p. 302)<sup>2</sup>

De fato, ao traduzir todos os poemas da seção elegíaca de Catulo (65-116), utilizando pares de versos formados por dodecassílabos e decassílabos, Oliva Neto acabou influenciando, direta ou indiretamente, boa parte das traduções acadêmicas posteriores que se ocuparam dos textos elegíacos latinos<sup>3</sup>.

Antes de passarmos à análise da engenharia tradutória de Oliva Neto, convém tecer algumas palavras sobre o caráter aparentemente experimental das propostas pioneiras de Silva Ramos e Rebelo Gonçalves.

### Silva Ramos e Rebelo Gonçalves

Em 1964, saiu publicada uma coletânea, intitulada *Poesia grega e latina*, com seleção e tradução direta do grego e do latim realizadas pelo poeta, ensaísta e tradutor paulista, Péricles Eugênio da Silva Ramos.

O tradutor faz questão de ressaltar, em sua breve *advertência* inicial, que “a antologia não pretende ser mais do que realmente é, uma pequena amostra” (RAMOS, 1964, p. 7), cujo objetivo é “apenas transmitir ao leitor de nossos dias, de modo acessível e em linguagem fiel, embora a mais simples e viva possível, alguns retalhos daquela grande alma antiga [...]” (RAMOS, 1964, p. 8). Apesar de Silva Ramos não esclarecer o que entende por “linguagem fiel”, essa “pequena amostra” se revela proveitosa à prática da tradução poética não só pela variedade dos excertos de autores e obras, mas também pelas diversas opções tradutórias utilizadas para verter poemas

<sup>2</sup> A essa listagem, acrescentaríamos o nome de Marcelo Vieira Fernandes (2012) e sua tradução para os *Medicamina faciei femineae*, de Ovídio.

<sup>3</sup> Haja vista o fato de a maioria dos tradutores que empregaram o modelo de dístico 12/10 mencionar Oliva Neto em seus trabalhos, como por exemplo: FERNANDES, 2012, p. 251; ALVES, 2014, p. 30; DUQUE, 2015, p. 26; SOUZA, 2016, p. 76; FLORES, 2019, p. 506.

compostos por dísticos elegíacos, como é o caso de três elegias: a 3.8, atribuída a Tibulo, a 2.1, dos *Amores* de Ovídio, e a 2.27, de Propércio.

Chama atenção o fato de Silva Ramos ter utilizado três modos diferentes para vertê-las. A elegia 3.8, atribuída a Tibulo, por exemplo – cujas edições do texto latino apresentam-na contendo 24 versos (12 dísticos) –, foi transposta por Ramos em trinta e cinco decassílabos, dentre os quais vinte e oito heroicos e sete sáficos (v. 2, 3, 5, 22, 28, 30 e 31), ou seja, onze versos a mais do que o texto de partida, como se segue:

*Sulpicia est tibi culta tuis, Mars magne, kalendis;  
spectatum e caelo, si sapis, ipse ueni;  
hoc Venus ignoscet; at tu, uiolente, caueto  
ne tibi miranti turpiter arma cadant:  
illius ex oculis, cum uult exurere diuos, 5  
accendit geminas lampadas acer Amor.  
Illam, quidquid agit, quoquo uestigia mouit,  
componit furtim subsequiturque Decor;  
seu soluit crines, fuis decet esse capillis:  
seu composit, comptis est ueneranda comis. 10  
Vrit, seu Tyria uoluit procedere palla:  
urit, seu niuea candida ueste uenit.  
Talis in aeterno felix Vertumnus Olympo  
mille habet ornatus, mille decenter habet.  
Sola puellarum digna est cui mollia caris 15  
uelleret det sucis bis madefacta Tyros,  
possideatque, metit quidquid bene olentibus aruis  
cultor odoratae diues Arabs segetis,  
et quascumque niger rubro de litore gemmas  
proximus Eois colligit Indus aquis. 20  
Hanc uos, Pierides, festis cantate kalendis,  
et testudinea Phoebe superbe lyra.  
Hoc sollemne sacrum multos haec sumet in annos:  
dignior est uestro nulla puella choro.  
(TIBULLUS, 3.8).*

Para te honrar, Sulpícia ornou-se toda,

nestas calendas que são tuas, Marte:  
 se pensas bem, desce do céu, vem vê-la:  
 Vênus te perdoará; mas tem cuidado,  
 senão de pasmo deixarás cair 5  
 as armas, ó temível! Que vexame!  
 Nos olhos da formosa o cruel amor  
 duas tochas acende, se deseja  
 os deuses inflamar: em gesto ou passos,  
 a Graça é quem, oculta, a guia e segue.<sup>10</sup>  
 Solta os cabelos, e estes, derramados,  
 fazem-na linda; mas, quando os penteia,  
 não se revela menos adorável.  
 Põe fogo aos corações, quando resolve  
 aparecer de púrpura vestida;<sup>15</sup>  
 fogo também, se brilha em nível traje.  
 O fecundo Vertuno assim ostenta  
 no eterno Olimpo os mil ornatos seus:  
 ostenta-os sempre com igual primor.  
 Apenas ela é digna, entre as donzelas,<sup>20</sup>  
 de se cobrir com as suaves lãs de Tiro,  
 tintas, retintas com preciosos sucos,  
 bem como de possuir esses perfumes  
 que colhe nos seus campos recendentes  
 o árabe enriquecido com o plantio <sup>25</sup>  
 de essências odoríferas; só ela  
 merece as gemas que nas rubras praias  
 junto das águas orientais apanha  
 o negro indiano. Ó Piérides, cantai-a  
 nestas calendas festivas, e tu <sup>30</sup>  
 também, ó Febo da orgulhosa lira.  
 Ela receberá por muitos anos  
 este solene culto: não existe  
 donzela alguma que mais digna seja  
 de vir a figurar em vosso coro.<sup>35</sup>

(Tradução de RAMOS, 1964, p. 195-196).<sup>4</sup>

A comparação entre tradução e original revela que Silva Ramos utilizou três decassílabos para verter cada dístico latino, e, ao modo camoniano de composição elegíaca – a despeito de não haver rimas –, transpôs o último dístico em quatro versos (ou um terceto mais um decassílabo). Quanto ao plano sonoro, percebe-se o uso de ectilipses<sup>5</sup> (v. 21 e 25) e várias sinéreses<sup>6</sup> (v. 4, 7, 21, 22, 23, 28 e 29)<sup>7</sup> para fazer caber o conteúdo verbal na métrica decassilábica. Sinéreses essas que, se, por um lado, não comprometem a fluidez da leitura, por outro, podem causar certo embaraço à recitação, por tornarem duros<sup>8</sup> os versos em que foram utilizadas.

De maneira diversa, ao traduzir uma elegia dos *Amores* (2.1) de Ovídio, Silva Ramos utiliza dodecassílabos, alexandrinos em sua maioria, mantendo a mesma quantidade de versos do texto de partida no de chegada – fenômeno que Oliva Neto (2013, p. 195) chama de “isostiquia”. Contudo, assim como ocorre na versão isossilábica<sup>9</sup> do poema tibuliano, nesta também Ramos não faz questão de tentar emular a alternância dos metros latinos na letra da tradução, conforme a seguir:

*Hoc quoque composui Paelignis natus aquosis,  
Ille ego nequitiae Naso poeta meae.  
Hoc quoque iussit Amor; procul hinc, procul este seuerae!  
Non estis teneris apta theatra modis.  
Me legat in sponsi facie non frigida uirgo 5*

<sup>4</sup> As versões de Silva Ramos não contêm numeração paratextual. Inserimo-las para facilitar a localização dos versos analisados.

<sup>5</sup> Trata-se do apagamento do fonema nasal sucedido por vogal, como em “com as”, do verso 21, que deve ser pronunciado “co’as” e “com o”, do verso 25, que deve ser pronunciado “c’o”. Tal fenômeno prosódico não necessita de ser marcado com apóstrofo, pois se manifesta naturalmente no contínuo de fala (TAVARES, 1996, p. 186).

<sup>6</sup> Fusão de dois sons num só dentro da mesma palavra (TAVARES, 1996, p. 184).

<sup>7</sup> Conforme o v. 4, “per | doa | rá”; 7, “cruel”; 21, “sua | ves”; 22, “pre | cio | sos”; 23, “pos | uir”; 28, “o | rign | tais”; 29, “in | dia | nos” e “Pié | ri | des”.

<sup>8</sup> Dentre os vários fenômenos prosódicos que podem fazer “um verso pecar por dureza”, em seu *Tratado de metrificacão portuguesa*, Castilho (1851, p. 58) menciona a sinérese (passagem de um hiato, no interior da palavra, a ditongo), “quando reduzimos a uma sílaba as vogais de duas, que o uso geral do falar, manifestadamente divide”.

<sup>9</sup> Isossilábicos são os versos com igual número de sílabas, chamados também isométricos (TAVARES, 1996, p. 190).



*Et rudis ignoto tactus amore puer;  
 Atque aliquis iuuenum, quo nunc ego, saucius arcu  
 Agnoscat flammae conscia signa suae  
 Miratusque diu "quo, dicat, ab indice doctus  
 Conposuit casus iste poeta meos?" 10  
 Ausus eram, memini, caelestia dicere bella  
 Centimanumque Gygen (et satis oris erat),  
 Cum male se Tellus ulta est ingestaque Olympo  
 Ardua deuexum Pelion Ossa tulit;  
 In manibus nimbos et cum Ioue fulmen habebam, 15  
 Quod bene pro caelo mitteret ille suo.  
 Clausit amica fores: ego cum Ioue fulmina misi;  
 Excidit ingenio Iuppiter ipse meo.  
 Iuppiter, ignoscas; nil me tua tela iuuabant;  
 Clausa tuo maius ianua fulmen habet; 20  
 Blanditias elegosque leuis, mea tela, resumpsi;  
 Mollierunt duras lenia uerba fores.  
 Carmina sanguineae deducunt cornua lunae,  
 Et reuocant niueos Solis euntis equos.  
 Carmine dissiliunt abruptis faucibus angues. 25  
 Inque suos fontes uersa recurrit aqua.  
 Carminibus cessere fores insertaque posti  
 Quamuis robur erat, carmine uicta sera est.  
 Quid mihi profuerit uelox cantatus Achilles?  
 Quid pro me Atrides alter et alter agant, 30  
 Quique tot errando, quot bello, perdidit annos,  
 Raptus et Haemoniis flebilis Hectos equis?  
 At facie tenerae laudata saepe puellae,  
 Ad uatem, pretium carminis ipsa, uenit.  
 Magna datur merces! heroum clara ualete 35  
 Nomina; non apta est gratia uestra mihi.  
 Ad mea formonsos uoltus adhibete, puellae,  
 Carmina, purpureus quae mihi dictat Amor.  
 (OVIDE, Am. 2.1).*

Eu, o poeta que escrevo enamorado, Ovídio,

eu que nasci na úmida terra dos pelignos,  
 estes versos compus, que assim Amor mandou:  
 longe de mim longe de mim, ó vós, austeras!  
 Não sois boa audiência para ternos cantos.<sup>5</sup>  
 Leiam-me a virgem que se inflama ao ver o noivo  
 e o jovem que só agora conheceu o amor.  
 Que alguém, ferido pela mesma seta que eu,  
 pelos vestígios sua chama reconheça  
 e diga, surpreendido: “Como foi que o poeta<sup>10</sup>  
 veio a saber destes meus casos?”  
 Eu ousava  
 – recorde-me – narrar as guerras celestiais  
 e Giges de cem mãos, e voz não me faltava  
 para dizer de como Tellus se vingou  
 e Pélion e Ossa vieram a cair do Olimpo.<sup>15</sup>  
 Nuvens eu tinha em mãos, e o raio com que Júpiter  
 defenderia os céus.  
 Portas me fecha a amada:  
 largo Jove e seu raio, que me saem do espírito.  
 Perdão: não me serviam, Júpiter, teus raios.  
 Às meiguices voltei e às leves elegias,<sup>20</sup>  
 que são as minhas armas, e as palavras doces  
 amoleceram logo a dura porta.  
 Os versos  
 fazem descer os cornos da sangrenta lua  
 e recuar os corcéis do Sol, brancos de neve;  
 o canto esmaga a fauce aberta da serpente<sup>25</sup>  
 e faz retroceder à fonte a água corrente.  
 Com os meus versos cedeu a porta; e a fechadura,  
 em carvalho encaixada embora, foi vencida.  
 Que me daria o ágil Aquiles, se o cantasse?  
 Que me adviria de qualquer dos dois Atridas?<sup>30</sup>  
 Do que errou tantos anos quanto combateu,  
 e de Heitor que arrastaram os corcéis da Hemônia?  
 Mas se canto a beleza de uma terna jovem,  
 como preço do poema ela procura o vate:

eis uma digna recompensa. Adeus heróis<sup>35</sup>  
 de ilustres nomes: vossa paga não me serve.  
 Formosas jovens, vós porém lançai o olhar  
 sobre estes poemas que me dita o Amor purpúreo.  
 (Tradução de RAMOS, 1964, p. 203-204).

A escansão do poema acima revela que, dos trinta e oito versos, dezesseis são alexandrinos perfeitos<sup>10</sup>, dezesseis são dodecassílabos acentuados na sexta sílaba<sup>11</sup>, e seis são dodecassílabos trímetros<sup>12</sup>. Mesmo tendo inserido troca de linha em três momentos – provavelmente como recurso expressivo<sup>13</sup> –, a quebra da linearidade não comprometeu a métrica dodecassilábica, já que o trímetro (v. 11) parece ter sido decomposto em um segmento de nove sílabas e outro, na linha de baixo, com três; o alexandrino (v. 17), em dois versos de seis, e o alexandrino (v. 22) em um de dez mais um de duas sílabas.

Entre a proposta decassilábica expandida da elegia tibuliana, com onze versos a mais que o texto de partida, e a manutenção da isostiquia na versão dodecassilábica para o poema de Ovídio, Silva Ramos opera, na tradução que fez de Propércio (2.27), uma espécie de consubstanciação desses formatos, unindo metro, ritmo e isostiquia em um arranjo polimétrico<sup>14</sup> singular, forjando um dístico vernáculo com alexandrino clássico e decassílabo heroico, cuja descrição pormenorizada será tratada no próximo tópico.

Antes de tudo, convém mencionar o poeta e tradutor lusitano, nascido em Santarém, Francisco Rebelo Gonçalves, que morou no Brasil, e, entre 1935 e 1938, foi professor de Filologia Portuguesa e Filologia Clássica (Língua e Literaturas Grega e Latina) da Universidade de São Paulo.

<sup>10</sup> Versos: 1, 3, 6, 12 (sinérese em “ce | les | tiais”), 13, 16, 17, 20, 22, 24 (sinérese em “re | cuar”), 25, 26, 27, 28, 34 (sinérese em “poe | ma”) e 37.

<sup>11</sup> Versos: 2, 5, 7, 8, 9, 10 (sinérese em “sur | pregn | di | do” e “poe | ta”), 14, 15 (sinérese em “vie | ram”), 18 (sinérese em “sgem”), 19, 21, 23, 31, 32, 33 e 36.

<sup>12</sup> Versos: 2, 6, 11, 29, 30 e 38.

<sup>13</sup> Tal procedimento parece ser análogo ao de poetas e tradutores lusófonos de poesia lírica antiga “que há muito empregavam, no verso menor de uma estrofe, um verso que o *integra*, vale dizer, que metricamente é parte dos versos anteriores da estrofe” (OLIVA NETO, 2015, p. 154).

<sup>14</sup> Polimétricos são versos de diferentes medidas usados numa mesma composição, conservando, contudo, o ritmo melódico (TAVARES, 1996, p. 195).

É provável que Rebelo Gonçalves tenha utilizado o modelo 12/10, com alexandrino clássico e decassílabo heroico, bem antes de Ramos<sup>15</sup>, pois, até onde nos foi possível averiguar, desde a década de 30, Rebelo Gonçalves traduzia e compunha poemas e epigramas, em grego e em latim, e os vertia com o referido formato. Para ilustrarmos, tomemos uma de suas composições em grego, traduzida por ele mesmo, dedicada ao seu mestre, o professor Leite de Vasconcellos, em 1931:

Σήμερον ἦν ἡδύς, ταῦτα ἐξ οὗ γράμματα ἀνέγνων,  
οἷς μεγάλην τιμὴν αὐθις ἔνειμας ἐμοί·  
εἰδὼς γὰρ χαίρω, φίλε, νῦν εὖ μὲν σ' ἐν ἀγροῖς ζῆν,  
σφόδρα δὲ τὰς Μούσας, ὡς τὸ πάλαι, σὲ φιλεῖν.

Alegre hoje fiquei, depois que li a carta  
Com que mais de uma vez muito me honraste:  
Pois folgo de saber-te, Amigo, bem no campo  
E das musas querido, como outrora.  
(Versão em grego e tradução de GONÇALVES, 1995 [1931], p. 801).<sup>16</sup>

Além de composições autorais, Rebelo Gonçalves também traduziu diversos epigramas de Marcial e poemas de Catulo, como, por exemplo, um que ele intitula “Palavras fugazes”, conforme abaixo:

*Nulli se dicit mulier mea nubere malle  
quam mihi, non si se Iuppiter ipse petat.  
Dicit: sed mulier cupido quod dicit amanti,  
in uento et rapida scribere oportet aqua.*  
(Catulo, 70. In: CATULO, 1996, p. 144).

<sup>15</sup> Ao citar a tradução de Rebelo Gonçalves para o epigrama 2.7 de Marcial, em artigo intitulado “11 poemas de Propércio traduzidos com o verdadeiro dístico elegíaco de Péricles Eugênio da Silva Ramos”, Oliva Neto (2015, p. 155) conjectura que: “tendo-a feito entre os anos de 1971 e 1975, é possível e penso que até provável que [Rebelo Gonçalves] conhecesse a tradução de Péricles Eugênio”. Tal declaração poderia levar o leitor a crer que Gonçalves “imitou” o modelo de Ramos, utilizado uma única vez, em 1964. Todavia, fato é que Rebelo Gonçalves já utilizava este formato trinta e três anos antes da publicação de Silva Ramos.

<sup>16</sup> Após estes versos, Rebelo Gonçalves registra: “Foram escritos em Mafra no fim de agosto de 1931” (GONÇALVES, 1995, p. 801).

Diz minha amada que a ninguém ligar-se quer  
 Senão a mim, ainda que Jove a queira.  
 Diz; mas o que ao ansioso amante diz mulher  
 Deve escrever-se em vento e água ligeira.  
 (Tradução de GONÇALVES, 1995, p. 832).

Como pudemos ver, Rebelo Gonçalves utiliza dois pares de versos, com doze e dez sílabas, compostos de alexandrinos clássicos<sup>17</sup> e decassílabo sáfico<sup>18</sup>, no primeiro dístico, e heroico no segundo, rimados no esquema *abab*, mantendo a isostiquia no texto de chegada.

Feitas essas breves considerações sobre uma pequena parte do trabalho de Rebelo Gonçalves, cumpre assinalar que, a despeito de o poeta e tradutor português ter utilizado, muito provavelmente, o dístico vernáculo 12/10 com alexandrino clássico e decassílabo heroico antes de Silva Ramos, e, posteriormente, em maior quantidade de vezes, entre 1971 e 1975, ao verter elegias e epigramas elegíacos<sup>19</sup> – haja vista Silva Ramos ter feito uma única tradução com o dístico 12/10, aplicando-o somente na elegia 2.27 de Propércio – fato é que ambos podem ser considerados os precursores mais expressivos e talvez mais remotos desse modelo no século XX, de modo que,

<sup>17</sup> Conforme a prescrição parnasiana (BILAC & PASSOS, 1918, p. 67), o primeiro verso pode ser dividido em dois hexassílabos, com uma espécie de *enjambement*: “Diz | mi | nha | ma | da | quea// nin | guém | li | gar | -se | quer”. Já o dodecassílabo seguinte tem de ser pronunciado com sinérese em “ansioso”: “Diz; | mas | o | queao | an | sio// soa | man | te | diz | mu | lher”. Ambos os versos, por apresentarem tônicas também na quarta, oitava e décima segunda sílabas, podem ser considerados trímetros.

<sup>18</sup> Para não extrapolar a métrica decassilábica sáfica, há duas maneiras de recitar esse verso; com sinérese e hiperbibasmo do tipo sístole (isto é, deslocamento da tônica para sílaba anterior) em “ainda”, do seguinte modo: “Se | não | a | mim, | ain | da | da | que | Jo | vea | quei | ra”, ou, de modo mais simples, aplicando aférese em “ainda” (-inda).

<sup>19</sup> Ao escandir todos os poemas traduzidos por Rebelo Gonçalves entre 1971 e 1975, presentes em sua *Obra completa* (1995), Oliva Neto encontrou as seguintes elegias e epigramas vertidos no formato 12/10, com alexandrino e decassílabo heroico: *Antologia Palatina*, 9.599 (Teócrito); Catulo, 70; Marcial, 1.16; 1.47; 2.7; 2.80; 3.3; 3.8; 4.20; 4.31; 5.81; 7.25; 8.12; 10.8; 11.12; 12.88; 13.71; 13.77; 14.12; 14.73. “São dezoito poemas, que contêm 35 versos de doze sílabas, dos quais apenas três não são alexandrinos perfeitos: o verso 1 do poema de Catulo, e de Marcial o verso 1 do poema 8.12 e o verso 1 do poema 13.72. Os três são dodecassílabos ternários. Rebelo Gonçalves não usa dodecassílabo apenas acentuado a sexta sílaba, sem sinalefa” (OLIVA NETO, 2015, p. 159, nota 13).

em 1996, Oliva Neto se inspirou em Ramos para verter a seção elegíaca de Catulo, constituída de 52 poemas<sup>20</sup>, totalizando 295 dísticos.

### Oliva Neto e *O Livro De Catulo*

Em artigo de 2015, intitulado “11 poemas de Propércio (1.1-11) traduzidos com o verdadeiro dístico elegíaco de Péricles Eugênio da Silva Ramos”, Oliva Neto esclarece que, para traduzir as elegias d’*O Livro de Catulo*, adotou o dístico formado por dodecassílabo (eventualmente alexandrino e quaternário) e decassílabo heroico ou sáfico, ou seja, ele mirou no exemplo de Péricles Eugênio na justaposição de um verso de doze e outro de dez sílabas, adotando, porém, a mesma liberdade que Haroldo de Campos se concedeu ao incluir outras espécies de dodecassílabos ao traduzir os hexâmetros datílicos da *Ilíada*<sup>21</sup> (OLIVA NETO, 2015, p. 157). Quanto ao decassílabo, o tradutor aplicou a mesma liberdade, empregando, além do heroico, também o sáfico. Para exemplificar seu trabalho, citemos a tradução do poema 76 de Catulo:

*Siqua recordanti benefacta priora uoluptas  
est homini, cum se cogitat esse pium,  
nec sanctam uiolasse fidem, nec foedere nullo  
dium ad fallendos numine abusum homines,  
multa parata manent in longa aetate, Catulle, 5  
ex hoc ingrato gaudia amore tibi.  
Nam quaecumque homines bene cuiquam aut dicere possunt  
aut facere, haec a te dictaque factaque sunt;  
omniaque ingratae perierunt credita menti.  
Quare cur te iam amplius excrucies? 10  
Quin tu animum offirmas atque istinc teque reducis*

<sup>20</sup> Do poema 65 ao 116, contando com o 78b. Catulo escreveu epigramas e elegias, porém, como “não é sempre fácil saber se é um longo epigrama ou uma elegia breve” (OLIVA NETO, 1996, p. 34), para facilitar a exposição, o tradutor chama o agrupamento das composições em dístico elegíaco de “seção elegíaca”.

<sup>21</sup> De acordo com Vieira (2006, p. 80), “no âmbito do cânone literário greco-romano, a grande tradução de Haroldo de Campos é, pela envergadura da empreitada e pelo esforço erudito, a sua *Ilíada*”. Em artigo de 1992, intitulado “Para transcriber a *Ilíada*”, Campos esclarece que “em lugar do decassílabo de molde camoniano, que mais de uma vez obrigou Odorico [Mendes] a prodígios de compressão semântica e contorção sintática, recorri ao metro dodecassilábico (acentuado na sexta sílaba, ou, mais raramente, na quarta, oitava e décima segunda)” (citado em OLIVA NETO, 2015, p. 155, nota 7).

*et deis inuitis desinis esse miser?*  
*Difficile est longum subito deponere amorem.*  
*Difficile est, uerum hoc qua lubet efficias.*  
*Vna salus haec est. Hoc est tibi peruincendum; 15*  
*hoc facias, siue id non pote siue pote.*  
*O di, si uestrum est misereri, aut si quibus unquam*  
*extremam iam ipsa in morte tulistis opem,*  
*me miserum aspicate et, si uitam puriter egi,*  
*eripite hanc pestem perniciemque mihi, 20*  
*quae mihi subrepens imos ut torpor in artus*  
*expulit ex omni pectore laetitas.*  
*Non iam illud quaero, contra ut me diligat illa,*  
*aut, quod non potis est, esse pudica uelit;*  
*ipse ualere opto et taetrum hunc deponere morbum. 25*  
*O dei, reddite mi hoc pro pietate mea.*  
(Catulo, 76. In: CATULO, 1996, p. 147).

Se ao homem que recorda os feitos bons de outrora  
existe algum prazer ao ver que é pio,  
que não faltou à fé jurada nem do nome  
usou dos deuses por perder os homens  
num pacto, a ti, Catulo, é grande, vida afora, 5  
em paga, a dita deste ingrato amor.  
Pois quanto os homens podem bendizer ou bem  
fazer está por ti já dito e feito.  
E tudo terminou confiado a um peito ingrato.  
Por que então te torturas tanto assim? 10  
Por que não firmas o ânimo e, senhor de si,  
e deuses contra, deixas de ser triste?  
Difícil é deixar súbito um longo amor.  
é difícil, mas tenta como podes.  
Só isto é a salvação, isto tens de fazer. 15  
Que o faças, se impossível ou possível.  
Ó deuses, se é de vós ter pena ou se já a alguém  
último auxílio destes na sua morte,  
olhai-me triste e se uma vida levei pura,

arrancai-me esta peste e perdição, 20  
 que sub-reptícia qual torpor nos membros dentro  
 alegria expulsou do peito inteiro.  
 Eu já não quero de sua parte que me queira,  
 e – impossível – que venha a ter pudor.  
 Quero estar bem, deixar esta dor ruim. Deuses! 25  
 Isto me dai por minha piedade.  
 (Tradução de OLIVA NETO, 1996, p. 147).

Dos treze versos de doze sílabas, oito são alexandrinos<sup>22</sup>; três são dodecassílabos não-alexandrinos, acentuados na sexta sílaba<sup>23</sup>, e dois são dodecassílabos trímetros<sup>24</sup>. De resto, cumpre observar que Oliva Neto segue alguns princípios metodológicos ao executar suas traduções. Ao ser questionado sobre quais seriam esses princípios, em entrevista concedida a Andréia Guerini e Walter Carlos Costa para a revista *Cadernos de tradução* (2010), o estudioso esclarece que, em primeiro lugar, mantém o mesmo número de versos do poema original em suas traduções. De acordo com Oliva Neto, “bem poderia haver para poética, e aqui estou propondo que haja, o termo ‘isostiquia’, isto é, igualdade no número de versos” (GUERINI; COSTA, 2010, p. 270-271).

Em segundo lugar, Oliva Neto mantém o “metrismo”, ou seja, traduz sempre em versos métricos e adota algum verso português conveniente à manutenção da isostiquia (GUERINI; COSTA, 2010, p. 271). Nesse sentido, o tradutor mantém também a “isometria unívoca”, utilizando sempre os mesmos metros em português para determinados metros em grego e em latim:

Por exemplo, o hexâmetro datílico (verso da épica) traduzo sempre pelo dodecassílabo (se possível, o alexandrino perfeito dos parnasianos, que acho, sim, perfeito; senão, os dodecassílabos assim acentuados: 6+6, com quaisquer acentos secundários pares; 3+6+9+12 e 4+8+12). O pentâmetro, que com o hexâmetro forma o dístico das elegias e de muitos epigramas, traduzo em decassílabos heroicos ou sáficos, de modo a formar um dístico vernáculo de dodecassílabo com decassílabo. Isto não quer dizer que não

<sup>22</sup> Versos: 1, 3, 5, 9 (sinérese em “con | fig | do”), 13, 15, 17, e 25.

<sup>23</sup> Versos 7, 11 e 19.

<sup>24</sup> Versos 21 e 23.

adote decassílabo e dodecassílabo para outros metros antigos que não sejam o hexâmetro e o pentâmetro datílicos. A isometria é unívoca, mas não biunívoca, e admito que teórica ou idealmente seria bom que sempre fosse. (GUERINI; COSTA, 2010, p. 271)

Outro princípio seguido por Oliva Neto é o da “isomorfia estrófica”. Quando o poema de partida é estrófico, o tradutor preserva o número de versos de cada estrofe original. Analogamente, ele não insere estrofes na tradução de poemas que não as têm (GUERINI; COSTA, 2010, p. 271). O mesmo pode ser dito com relação às rimas, já que o tradutor não as utiliza em poemas antigos que não as possui.

A sexta e última característica das traduções de Oliva Neto, em sua busca pela homologia estrutural entre texto de partida e de chegada, concerne à “isomorfia elocutiva”, ou seja, a manutenção do gênero da elocução – elevada, média ou baixa – com atenção especial ao registro baixo, pois poemas elaborados nesse tom “ou foram totalmente eliminados ou tiveram partes eliminadas nas traduções pudicas, antigas ou modernas” (GUERINI; COSTA, 2010, p. 272).

Com relação à isometria unívoca, sugerida por Oliva Neto, conforme citada mais acima, vale mencionar aqui a reflexão de Flores (2011), em artigo intitulado “Tradutibilidades em Tibulo”, no qual o tradutor, após apresentar nove possibilidades tradutórias<sup>25</sup>, realizadas por ele mesmo, para o epigrama 3.20 de Tibulo, conclui dizendo que “a monotradução é uma escolha nossa, e os limites da tradução, como de quase tudo, são os limites do humano” (FLORES, 2011, p. 149). De fato, os tradutores são livres para escolher as formas que considerem mais adequadas para realizar seus trabalhos. No entanto, acreditamos ser fundamental ter em mente que, conforme Haroldo de Campos, em posfácio à tradução dos *Cantares* de Ezra Pound<sup>26</sup>, “traduzir é vincular-se a uma tradição” (POUND, 1993, p. 203). A esse respeito, Oliva Neto observa o seguinte:

Todo aquele que traduz textos antigos já traduzidos, queira ou desqueira, integra uma longa linhagem, passa a pertencer à revelia de si mesmo a um círculo

<sup>25</sup> 1) Tradução semântica prosaica; 2) Quadras populares; 3) À moda do século XVII; 4) Terceto quebrado; 5) Versos núnicos e um pentâmetro aproximado; 6) Dístico elegíaco alemão; 7) Mescla entre tradição francesa e lusa; 8) Recriação marginal; 9) Desleitura em série.

<sup>26</sup> Realizada por Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari, J. L. Grünwald e Mário Faustino.



bem maior e muito mais antigo do que ele, e tal condição não só lhe traz algumas responsabilidades como, decerto, lhe propicia um pouco de humildade. Se conhece traduções pregressas, tem modelos a imitar ou vencer, tem parâmetros para seguir ou evitar. Se as ignora, corre o risco de ficar, hoje, aquém do que já se fez outrora e pode vir a crer que inventou o que fora inventado. (OLIVA NETO, 2015b, p. 9)

De acordo com o próprio tradutor, no que toca à tradução do dístico elegíaco, pela aceitação que teve *O Livro de Catulo* “entre jovens pós-graduandos de Letras Clássicas, o mesmo critério foi adotado por alguns deles quando fizeram e ainda fazem suas traduções de poesia elegíaca latina” (OLIVA NETO 2015, p. 158). Contudo, ainda que façam uso do modelo 12/10, o exemplo isolado de Silva Ramos ao traduzir a elegia 2.27 de Propércio parece conter algumas particularidades estruturais que não foram completamente seguidas pelos tradutores elegíacos que lhe sucederam, particularidades essas que serão tratadas mais detalhadamente no tópico a seguir.

### **O modelo arquetípico do dístico vernáculo 12/10**

Como Silva Ramos não escreveu nada sobre o formato engendrado em sua singular tradução da elegia 2.27 de Propércio, Oliva Neto teorizou a respeito. Começamos citando a referida elegia, seguida da versão do tradutor paulista:

*At uos incertam, mortales, funeris horam  
quaeritis, et qua sit mors aditura uia;  
quaeritis et caelo, Phoenicum inuenta sereno,  
quae sit stella homini commoda quaeque mala!  
Seu pedibus Parthos sequimur seu classe Britannos, 5  
et maris et terrae caeca pericla uiae;  
rursus et obiectum flemus caput esse tumultu  
cum Mauors dubias miscet utrimque manus;  
praeterea domibus flammam domibusque ruinas,  
neu subeant labris pocula nigra tuis. 10  
Solutus amans nouit, quando periturus et a qua  
morte, neque hic Boreae flabra neque arma timet.  
Iam licet et Stygia sedeat sub harundine remex,  
cernat et infernae tristia uela ratis:*

*si modo clamantis reuocauerit aura puellae, 15*  
*concessum nulla lege redibit iter.*  
(Propércio, 2.27. In: PROPÉRCIO, 2019, p. 162).

Da morte vós quereis saber a hora incerta,  
e a senda pela qual ela virá;  
buscais num céu tranquilo, a exemplo dos fenícios,  
estrelas favoráveis ou funestas;

persigamos bretões, ou persigamos partas, 5  
cegos perigos rondam mar ou terra;  
choramos o arriscar a vida nos combates,  
pois Marte mescla tropas dubiamente,  
e choramos a casa que arde ou esboroa,  
ou se um veneno toca os nossos lábios. 10

Mas sabe o amante como e quando morrerá,  
nem teme o vento norte nem as armas;  
e ainda que já reme entre os juncais da Estige,  
vendo a barca infernal de tristes velas,

pela senda proibida<sup>27</sup> ele retornará, 15  
se na brisa o chamar a voz da amada.  
(Tradução de RAMOS, 1964, p. 199).

Lembrando que o verso é a unidade estrutural do poema, Oliva Neto (2015, p. 152) observa que o tradutor, ao conservar o mesmo número de versos do texto de partida no texto de chegada, preservou o mesmo número de unidades, ou seja, manteve a isostiquia em sua tradução. Por outro lado, ao lançar mão de espaçamento entre as linhas 10-11 e 14-15, Silva Ramos faz parecer haver estrofe no poema que, de acordo com Oliva Neto (2015, p. 153), “na verdade, é, nos termos da poética antiga, *katásticon*, isto é, composto de versos desiguais que se seguem ininterruptamente, o que significa que é privado de estrofes”.

---

<sup>27</sup> Para ser alexandrino, deve haver sinérese em “*Prq̄i | bi | da*”.

Como a coletânea de Silva Ramos não é bilíngue, e o tradutor não menciona qual edição do texto latino está sendo utilizada em suas versões, supomos que Ramos se concedeu a liberdade de estrofação do texto devido ao fato de que, segundo Flores:

O estabelecimento do texto de Propércio gerou e ainda gera muitas controvérsias entre os estudiosos. Ao longo dos anos, os editores nunca chegam a um consenso mínimo e fazem diversas alterações nos textos que nos chegaram através de manuscritos: suas intervenções vão de pequenas conjecturas vocabulares à reorganização da ordem dos versos, ao corte de poemas ao meio, ou à união de dois que, *a priori*, estão separados. (FLORES, 2019, p. 19)

Após escandir a tradução de Silva Ramos, Oliva Neto encontra certo padrão rítmico que convém citar:

Quanto ao dodecassílabo, dos oito apenas um não é alexandrino perfeito, que em todos os andamentos possíveis tem sempre a tônica na sexta sílaba, que, não custa recordar, é terminada ou em palavra oxítone (como no verso 1, “Da morte vós *quereis*...”) ou em paroxítone com sinalefa com a vogal seguinte (como no verso 3, “buscais num céu *tranquilo, a*...”). A exceção é o verso 9, dodecassílabo formado de hexassílabo grave – (“e | cho | ra | mos | a | ca | sa”) e pentassílabo “que | ar | de ou | se es | bo | ro | a”) sem sinalefa entre a vogal “a” de “casa” e o “q” da palavra seguinte “que” (OLIVA NETO, 2015, p. 153).

Quanto ao decassílabo empregado e a emulação de certa estrutura rítmica catalética em relação ao alexandrino, o estudioso observa o seguinte:

Os oito [decassílabos] são heroicos, isto é, possuem sílaba tônica na sexta sílaba e na décima sílaba. Mas dois deles apresentam incidentalmente tonicidade *também* na quarta e oitava sílabas, de sorte que têm semelhança com o decassílabo sáfico. São os versos 6 e 10. Mas a tonicidade das quartas e oitavas sílabas desses dois versos é menos intensa do que a das sextas sílabas, o que deixa claro que se trata sempre de decassílabo heroico. Nos outros cinco decassílabos apenas heroicos ou falta tônica na quarta sílaba (vv. 14 e 16) ou na oitava (vv. 2, 8 e 12) ou em ambas (vv. 4 e 14). Em outras palavras, entre os oito decassílabos, não há nenhum que seja puramente sáfico, isto é, acentuado na quarta, oitava e décima sílabas sem nenhuma tonicidade na sexta sílaba, evidenciando, como se disse, que o critério de Péricles Eugênio é usar o decassílabo heroico no dístico que forjou. (OLIVA NETO, 2015, p. 153)

Do acima exposto, Oliva Neto conclui, entre outras coisas que mencionaremos mais à frente, que, nessa tradução, Silva Ramos não utiliza nem o dodecassílabo trimétrico, nem o decassílabo sáfico. Partindo dessa constatação, o estudioso faz a seguinte conjectura:

Para forjar o dístico elegíaco em português, [Péricles Eugênio] teve por critério *prioritário* utilizar, *sempre que possível*, um dodecassílabo alexandrino seguido de um decassílabo heroico, que, acentuado na sexta sílaba, se assemelhasse ao alexandrino até a sexta sílaba, de maneira que fosse parte dele, como de fato é, e, além disso, terminando na décima sílaba, se manifestasse como *variação* do alexandrino construída por abreviação, que muito bem corresponderia à dupla *katálexis*<sup>28</sup> no hexâmetro, que, chamado impropriamente de “pentâmetro”, é o verso menor do dístico elegíaco. Este seria o ideal. Só quando não lhe fosse possível construir alexandrino, Péricles Eugênio utilizou dodecassílabo, *mas necessariamente acentuado na sexta sílaba*, para que o decassílabo heroico continuasse a ser parte integrante dele, como parece provar a proporção de apenas um dodecassílabo acentuado na sexta sílaba entre sete alexandrinos, isto é 12,5%. O decassílabo heroico em relação ao alexandrino sempre soará como variação dele por abreviação até a sexta sílaba, pois ambos têm acento aí, o que não ocorre com a décima sílaba, pois nem sempre o alexandrino tem tonicidade nesta sílaba, como se vê nos versos 3 e 7 da tradução de Péricles Eugênio. (OLIVA NETO, 2015, p. 154, grifos do autor)

Assim sendo, Oliva Neto (2015, p. 154) sentiu-se inclinado a crer que, na versão do poema de Propércio, Silva Ramos não quis a um verso justapor outro que fosse apenas mais curto, mas sim um que “ao ouvido o decassílabo soasse como um dodecassílabo catalético”. Dito de outro modo, “quis que o verso fosse mais curto, porém dotado do mesmo andamento”, pois:

Para produzir melhor a *katálexis* construída por abreviação, isto é, para o decassílabo parecer, ainda mais, um dodecassílabo abreviado, é imperioso que o segundo hemistíquio do dodecassílabo seja hexassilábico, o que significa que o verso de doze sílabas deve ser alexandrino. A razão é que no dístico, o alexandrino soa como dois hexassílabos separados por pausa menor, a da cesura, seguidos de uma pausa maior, a do fim do verso, mais

<sup>28</sup> Tendo em vista que a estrutura do pentâmetro compõe-se de dois pés e meio mais dois pés e meio, Estevão da Rocha Lima (2006, p. 80) afirma que, “o nome ‘pentâmetro’ consagrado pelo uso é falso. O chamado pentâmetro tem realmente os seis pés. Dir-se-ia com exatidão um hexâmetro dicatalético, pois não é senão uma variante do hexâmetro, constituído que é de dois grupos de três dáctilos, cataléticos ambos os dois”.

outro hexassílabo, que é a primeira parte do decassílabo heroico, quando então se sucede o fim do decassílabo heroico, que em qualquer possibilidade jamais será de novo um hexassílabo, mas necessariamente um verso menor (tetrassílabo, trissílabo ou dissílabo)<sup>29</sup>. Por outras palavras, o ouvido, apesar das pausas diferentes – ou antes, até ajudado por elas – ouve três hexassílabos em seguida, o que não é pouco antes de ouvir um “verso” (na verdade, a parte final do decassílabo) que rompe o padrão que se estabelecera: o rompimento do padrão é justamente a *katálexis!* (OLIVA NETO, 2015, p. 161)

Mesmo admitindo que o decassílabo heroico ou sáfico justaposto ao dodecassílabo alexandrino, ou ao dodecassílabo só acentuado na sexta sílaba ou ao dodecassílabo ternário “é ainda e sempre excelente solução para verter o dístico elegíaco” (OLIVA NETO, 2015, p. 160) – já que o par formado não deixa de marcar a alternância, presente no texto original, de um verso mais longo e um mais breve –, pelas razões apontadas no excerto acima, Oliva Neto termina sua explanação sobre o “verdadeiro dístico de Silva Ramos” reiterando que “o dístico formado de alexandrino e decassílabo heroico é mais eficiente do que qualquer outro dístico de dodecassílabo e decassílabo” (OLIVA NETO, 2015, p. 163).

Não obstante Rogério Chociay (1974), em obra intitulada *Teoria do verso*, citada pelo próprio Oliva Neto (2015, p. 161), chegar à conclusão de que a elisão obrigatória na sexta sílaba do alexandrino, pregada como regra pelos parnasianos – por exemplo, no *Tratado de versificação*, de Bilac e Passos (1918, p. 68) – é indiferente “em termos de andamento intensivo”, se comparado com um verso dodecassílabo simplesmente acentuado na sexta (CHOCIAY, 1974, p. 130), o tradutor d’*O Livro de Catulo* pondera que, mesmo não havendo diferença entre o andamento intensivo de ambos, “para a composição do dístico [discutido], a assimetria não é indiferente” (OLIVA NETO, 2015, p. 161).

Essa reprovação da assimetria reside no fato de que, se não houver elisão<sup>30</sup>, fazendo com que o dodecassílabo contenha dois hemistíquios de seis sílabas, o arranjo estrutural de três segmentos de seis sílabas (dois do alexandrino mais um do decassílabo acentuado na sexta) ficaria comprometido, por não soar ao ouvido como tal.

<sup>29</sup> Se a sexta sílaba recair sobre palavra oxítone, paroxítone, ou proparoxítone, respectivamente.

<sup>30</sup> Ou se o primeiro hemistíquio não for agudo, isto é, terminado com palavra oxítone.

Com relação à importância do “ouvido” na fruição de poesia, cabe citar aqui um trecho do *Tratado de metrificação portuguesa*, de Antônio Feliciano de Castilho, segundo o qual, em seção intitulada “Sobre a recitação dos versos”, as pausas do recitador “não devem ser determinadas pela contagem das sílabas; mas pelos cortes mais ou menos profundos do pensamento ou do afeto que se expressa” (CASTILHO, 1851, p. 143). Pouco mais à frente, na mesma página, o tratadista diz que “nem o hemistíquio necessita de ser com a recitação extremado [separado] do hemistíquio, nem mesmo cada metro dividido do seguinte, salvo quando [...] a ideia mesma vier pedindo uma paragem”.

Nesse sentido, acreditamos que, se por um lado, as pausas previstas por Oliva Neto no dístico composto por alexandrino perfeito são praticamente imperceptíveis ao ouvido, a menos que o recitador se esforce por evidenciá-las – ou, se são percebidas, não diferem daquela propiciada pelo dodecassílabo apenas acentuado na sexta sílaba –, por outro, é inegável que a requintada complexidade do arranjo possa ser admirável em termos de escansão.

De acordo com o estudioso, quando Silva Ramos traduziu a elegia 2.27 de Propércio, ele “não cogitava que os metros que adotou para verter o dístico elegíaco antigo teriam a fortuna que teve entre alguns tradutores brasileiros de poesia latina” (OLIVA NETO, 2015, p. 151), e nem poderia, pois, no tocante ao ritmo, exceto Rebelo Gonçalves e o próprio Oliva Neto – ao publicar, em 2015, os “11 poemas de Propércio (1.1-11) traduzidos com o verdadeiro dístico elegíaco de Péricles Eugênio da Silva Ramos” – nenhum tradutor do século XXI, como os mencionados no excerto de Avellar (2021) que citamos no início deste artigo, seguiu à risca o modelo arquetípico que acabamos de descrever, justamente por não terem utilizado, “com prioridade absoluta”, o alexandrino clássico e o decassílabo heroico (OLIVA NETO, 2015, p. 159-160).

### Considerações finais

Do que foi dito até aqui, depreende-se que Silva Ramos não tinha um projeto tradutório fixo ao verter poemas elegíacos, dada a variedade de formatos com que ele trabalhou os textos de chegada em uma mesma coletânea. Tampouco Rebelo Gonçalves, o qual, embora tenha utilizado o dístico vernáculo 12/10 em maior número de traduções, também não deixou de

utilizar outros formatos para os mesmos metros de partida, como, por exemplo, o poema 84 de Catulo, contra Árrio, traduzido por pares de versos com 14 e 12 sílabas (GONÇALVES, 1995 [1969], p. 822).

Como dissemos mais acima, o dístico 12/10 só alcançou verdadeira repercussão no meio acadêmico após a tradução de Oliva Neto para a seção elegíaca d'O *Livro de Catulo*, que se permitia maior flexibilidade rítmica no uso de dodecassílabos e decassílabos com apoios rítmicos variados. A partir de então, para outros tradutores subsequentes, polimetria e isostiquia também passaram a ser requisitos essenciais à busca pela homologia estrutural entre a dinâmica claudicante da elegia latina e suas respectivas propostas de versões poéticas em dístico vernáculo.

### Referências

AGNOLON, Alexandre. **A festa de Saturno**: o Xênia e o Apoforeta de Marcial. São Paulo: Edusp, 2017.

ALVES, João Paulo Matedi. **Elegias de Tibulo**: tradução e comentário. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

AVELLAR, Júlia Batista Castilho de. De Briseida para Aquiles: estudo e tradução poética de *Heroides 3*, de Ovídio. **Em tese**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 297-313, mai-ago, 2021.

BILAC, Olavo; PASSOS, Guimaraens. **Tratado de Versificação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1918.

CAIROLI, Fábio Paifer. **Marcial brasileiro**. 2014. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CASTILHO, António Feliciano de. **Tractado de versificação portugueza**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851.

CATULO. **O livro de Catulo**. Introdução, tradução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

CHOCIAY, Rogério. **Teoria do verso**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1974.

DUQUE, Guilherme Horst. **Do pé à letra**: Os *Amores* de Ovídio em tradução poética. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

FERNANDES, Marcelo Vieira. A poesia didática elegíaca e a poesia elegíaca didática dos *Medicamina* de Ovídio, e Ovídio, *Produtos para a beleza feminina*: tradução poética. In: GARRAFFONI, Renata Senna (ed.). **Classica**, revista brasileira de estudos clássicos. V. 25. n. 1/2. São Paulo: Annablume, p. 251-267, 2012.

FLORES, Guilherme Gontijo. Tradutibilidades em Tibulo, 3.20. **Scientia Traductionis**. n. 10, p. 141-150, 2011.

GONÇALVES, Francisco Rebelo. **Obra completa**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1995.

GUERINI, Andréia; COSTA, Walter Carlos. (Orgs). Entrevista com João Angelo Oliva Neto. **Cadernos de tradução**. v. 1, n. 25, p. 261-278, 2010.

LIMA, Estevão da Rocha. **O ritmo na poesia de Ovídio**. Maceió: Ufal, 2006.

OLIVA NETO, João Angelo. 11 poemas de Propércio (I, 1-11) traduzidos com o verdadeiro dístico elegíaco de Péricles Eugênio da Silva Ramos. In: **Cadernos de literatura em tradução**. Org. João Angelo Oliva Neto. São Paulo: FFLCH, v. 1, n. 15, p. 151-184, 2015.

OLIVA NETO, João Angelo. À guisa de introdução: tendências recentes na tradução de poesia grega e latina no Brasil. In: **Cadernos de literatura em tradução**. Org. João Angelo Oliva Neto. São Paulo: FFLCH, v. 1, n. 15, p. 7-11, 2015b.

OLIVA NETO, João Angelo. **Dos gêneros da poesia antiga e sua tradução em português**. 2013. Tese (Livre-Docência em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

OVIDE. **De l'amour**: Les Amours, L'Art d'aimer, Les Remèdes à l'amour. Textes établis par Henri Bornecque. Émendés, présentés et traduits par Olivier Sers. Paris: Les Belles Lettres, 2016.

OVÍDIO. **Fastos**. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior; revisão da tradução Júlia Batista Castilho de Avellar. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

POUND, Ezra. **Poesia**. Tradução de Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari, J. L. Grünwald e Mário Faustino. Brasília: EDUNB; São Paulo: HUCITEC, 1993.

PROPÉRCIO. **Elegias de Sexto Propércio**. Organização, tradução, introdução e notas de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva (Org). **Poesia grega e latina**. Seleção, notas e tradução direta do grego e latim por Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1964.

SOUZA, Luiza dos Santos. **Bi-tradução do livro primeiro dos Amores de Ovídio**: reflexões sobre dois modos de verter o dístico elegíaco. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

TAVARES, Hênio. “Poética”. In: TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. 11ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Villa Rica, 1996.

TIBULLUS. **Albi Tibulli quae supersunt omnia opera**: varietate lectionum, novis commentariis, excursibus, imitationibus Gallias, vita auctoris et indice absolutissimo. Colligebat Nicolaus Eligius Lemaire. Bibliotheca Classica Latina, Parisiis, 1826.

VIEIRA, Brunno Vinicius Gonçalves. Contribuições de Haroldo de Campos para um programa tradutório latino-português. **Terra roxa e outras terras**: revista de estudos literários. v. 7, p. 80-88. 2006.

### Resumo

Tendo em vista que o *corpus* elegíaco latino do período augustano, protagonizado por Propércio, Tibulo e Ovídio, já se encontra quase inteiramente vertido para o português, adaptado a um modelo homológico estrutural que transforma hexâmetros e pentâmetros latinos em dodecassílabos e decassílabos de formatos rítmicos variados, neste artigo, abordaremos algumas traduções de Silva Ramos (1964), Rebelo Gonçalves (1975) e Oliva Neto (1996) para descrever quais são as origens e as bases teórico-metodológicas do dístico vernáculo 12/10.

**Palavras-chave**: Dístico vernáculo; Elegia latina; Silva Ramos; Rebelo Gonçalves; Oliva Neto.

### **Abstract**

Considering that the Latin elegiac *corpus* of the Augustan age, starring Propertius, Tibulo and Ovid, is already almost entirely translated into Portuguese, adapted to a structural homological model that transforms Latin hexameters and pentameters into dodecasyllables and decasyllables of varied rhythmic formats , in this paper, we will approach some translations by Silva Ramos (1964), Rebelo Gonçalves (1975) and Oliva Neto (1996) to describe the origins and theoretical-methodological bases of the vernacular couplet 12/10.

**Keywords:** Vernacular couplet; Latin elegy; Silva Ramos; Rebelo Gonçalves; Oliva Neto.